

POEMAS DE LINO MACHADO: UMA ANTOLOGIA

POEMS BY LINO MACHADO: AN ANTHOLOGY

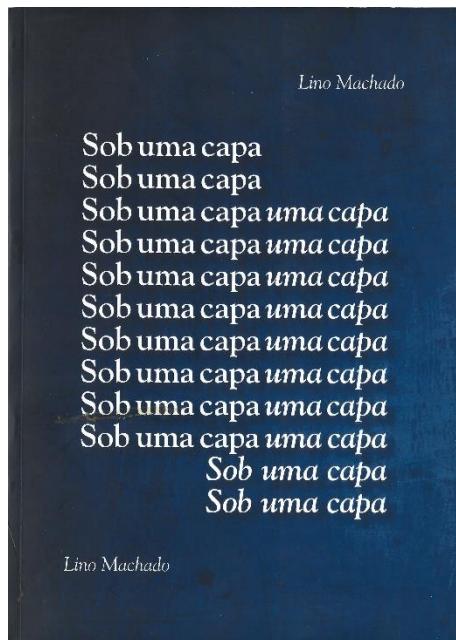
Paulo Muniz da Silva*
Pedro Freire*

Esta seleção de poemas se extraiu de duas obras — por ora, as mais vultosas — entre as publicações do poeta Lino Machado: *Sob uma capa* (2010) e *Entre dois vetores* (2014). Esses dois livros impressos, vencedores de Editais da Secult-ES, são posteriores a estes textos que o próprio autor listou (2014: orelha de livro) sobre sua dispersa, para nós, produção poética: “Meus & de mais” (2002); “Quatro cadências” (2005); “(Pseudo)glosas ao cancioneiro medieval” (2009); “Seis epígrafes & algumas gafes” (2010). Entre “capa” e “vetores” (2010–2014). Contamos aqui com 92 poemas para o primeiro livro citado, numa diferença de quatro anos, aproximadamente mais 144 deles para o livro seguinte. Isso, para quem conhece

* Doutor em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).

* Doutor em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).

a labuta, é mesmo para doutores¹ na matéria uma marca invejável e, como veremos adiante, ele não parou pelos subsequentes anos, dando ainda mais vazão ao seu pluriversátil multiverso literário.

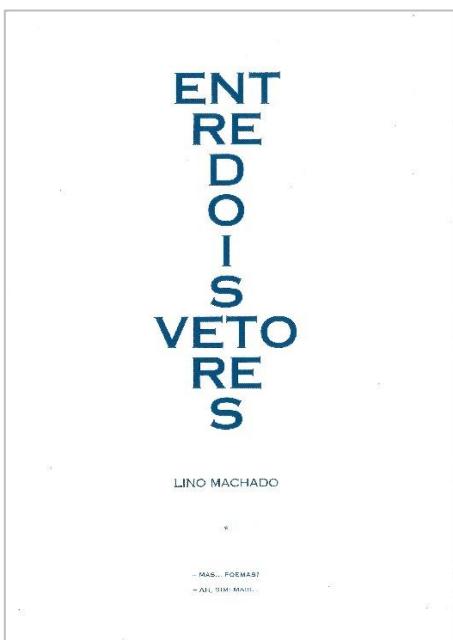


Capa de *Sob uma capa*, 2010, de Lino Machado.



Lino Machado, em 2006 (Foto de Paulo R. Sodré).

¹ Lino Machado é professor titular aposentado do Departamento de Línguas e Letras da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).



Capa de *Entre dois vetores*, 2014, de Lino Machado.



Lino Machado, em 2021 (Foto sem crédito/Rede social).

Como essa tamanha e meticulosa produção cobraria destes antologistas grandes responsabilidades, procuramos equalizar as principais demandas do poeta com

as nossas, a fim de que um possível sequestro de sua criatividade não se consumasse completo por um todo. Engendrado o *nostra culpa*, optamos por um filtro que privilegiasse certo diálogo com diversos retroacessos que se vêm sobressaindo em nossos dias, como o expresso por um excerto do emblemático “CULTURA”, à guisa aqui de abre-alas: “Quis fazer uma Antologia dos Grandes Massacres Humanos, / mas eram tantos e maiores que logo aumentei meus planos” (MACHADO, 2014, p. 154-155). Saiba-se que cada verso preterido nos acometia de um corte na própria carne, embora ele nos remeta a uma infinitude de esqueletos mais de fora que de dentro do armário.

No primeiro livro, nota-se um projeto de fino acabamento, em tom provocador desde o primeiro poema, “Sob uma Capa”, com já uma oportuna questão: “Autor e leitor / são dois, não são? // Eles / não formam um / elo? // Não é um número ideal / para um dueto / ou um duelo?” (MACHADO, 2010, p. 12). Acreditamos ser esse o espírito mais adequado para lidar com a obra, pois indignação e cumplicidade se tornam permanentes, ora pelas agudezas ora sutilezas ali presentes e vice-verso. *Sob uma capa* se divide em sete sugestivos blocos: “Seis epígrafes (lapidares ou não)”; “Escárnios (a bem dizer)”; “Não só as plantas”; “Aeropoemas”; “Pungentes, pontiagudos”; “Trobares...”; e “Quatro finais”. De cada um desses, daremos uma prova que nos tenha provocado à maneira de uma pedra de toque ou TOC (Transtorno Obsessivo Compulsivo), porque difícil é sair da sua lida ilesa.

De “Seis epígrafes...”, grifamos o poema “Cores que Afloram à Pele”: “Ao te ver assim / *dark*, / ó *darling* / tão diversa / do que trago em mim / [...] // Uma coisa só / minha fé de ateu / deveras me diz: / um de nós / deverá por fim / nesta sede / não sei se saudável, / se perversa” (MACHADO, 2010, p. 21-22). De “Escárnios...”, salientamos “Sobre a (Minha) Ironia”: “[...] Missas brancas / não são mais a regra / do que rezas brabas / nesta velha / veripócrita / zona franca / de bençãos e pragas” (p. 70-71). De “Não Só as Plantas” (talvez o bloco mais incisivo), destacamos “Zoopolítica”: “[...] o homem / não deixando de ser / o lobo

civil / que quer ter o homem / no seu abdômen" (p. 94-95). De "Aeropoemas", selecionamos "Provável": "A bordo / e à beira-tédio / [...] // [...] / passo / ao estágio aceso / do assédio / e logo improviso / sorrisos alados. // Abordo / a bela nervosa / recorrente / em levar unhas roídas / aos seus dentes / ao meu lado. // Ela não dirá Sim / nesse estado?" (p. 119). De "Pungentes, Pontiagudos", extraímos "Poetastro": "Bêbado / de não ver os postes / num luar / de círculo vasto // enquanto declamo aos céus / e também / reclamo aos ratos [...]" (p. 130). De "Trobares...", pescamos "Ao Ministério da Saúde": "Das cinzas do cigarro / infelizmente / — meu caro — / nenhuma fênix / só o pigarro // [...]" (p. 144). De "Quatro finais", elegemos "Vox não Mais tão Populi": "[...] Com um porém: / serei oblíquo / ou inexato / embora aqui / e ali / coloquial / quase prosaico [...]" (p. 165-174). Convenhamos, convivas, o poeta apresenta uma dicção muito variada para recepções diversas ou como já cabalisticamente prevenimos numa outra oportunidade:

As poesias de Lino Machado, intituladas *Sob uma capa*, editadas em 2010, trazem 7 séries de poemas. E isso pode ser significativo, para quem, como nós, conhece o poeta. Os saberes de extração esotérica conferem ao número 7 atributos associados ao espiritual, intelectual, idealista, estudioso, científico, inteligente e criativo. Mas advertem também que pessoas equivalentes a esse número podem parecer reservadas, sarcásticas, inflexíveis, caladas, irritadiças, frias e calculistas, contudo isso geralmente disfarça o fato de serem muito exigentes consigo mesmas e com o próximo (SILVA; FREIRE, 2018, p. 457).

Acredita-se que tal exigência, literariamente, possa vir a ser muito proveitosa, fazendo com que acerca do *Entre dois vetores* (2014) muito mais possa ser dito (se o caso não fosse o de sermos aqui sucintos), porque a quantidade de poemas é acrescida de quase 1/3 em relação ao livro anterior. Talvez seja até por isso que de cara o poeta saliente chistosamente: "— MAS... POEMAS? / — AH, SIM: MAIS..." (MACHADO, 2014, capa); enquanto seu *dia!* continua sintonizado com as nossas mais ridículas graças e as nem tão passíveis de riso assim. Tudo em tom cada vez mais peculiar, já que, como o próprio afirma em "LÍRICO OU

MÉLICO²?", se: "[...] Mudo / sou apenas mais / um / último ego // demonstrativo / de monstros bem íntimos nossos / de fato cômicos / com ou sem / seu acompanhamento de risos. // [...]" (p. 69-70). Aliás, nosso poeta já teve seus artifícios rítmicos e alegóricos vistos como de vasta tendência mallarmaica (PAIXÃO, 2019, p. 217).

Além do já apontado, há uma vertente autocrítica a permear ambos os livros, tendo nossas angústias passadas a limbo como aqui nessa oportuna sequência do já citado "CULTURA": "[...] Como falta de espaço vital, é melhor pensar num museu. Nele caberia o que o mundo já fez de pior e esqueceu? [...] Não é meu, é nosso o museu. É todo o planeta orbitando na indiferença do universo — simplesmente até quando [...]" (MACHADO, 2014, p. 154-155), com lamentos oriundos de diferentes épocas e hemisférios, "GOZOS": "[...] Segue / canção já cansativa / em deslouvor dos Leopoldos / mais que literalmente reais / (sem deixar de mencionar / os seus menores / de várias bandeiras, mentiras, cores) / coabitando em todos nós / nas amplas / latilongitudes do planeta [...]" (p. 85-87). Algo à maneira de preliminares para os reconhecidos paroxismos do século XX, "TRAUMAS EM TEMPO DE PAZ": "[...] precursores / do que nas guerras / tanta gente faz [...]" (p. 261-262).

Por sinal, essa recorrente abordagem acaba mesmo por nos devolver ao *Sob uma capa*, especificamente ao seu talvez mais cogitado poema: "Der Tod Ist Ein Meister Aus Deutschland" (MACHADO, 2010, p. 64-66), cuja tradução seria "a morte é um mestre que veio da Alemanha", referente a um famoso verso do poeta romeno Paul Celan, após ter este sobrevivido às sevícias de um campo de concentração nazista. Todavia, aqui já com alguma ressalva da crítica:

² "[...] penso ser adequada a [...] opção terminológico-semântica em geral menos adotada: mélica, em substituição à 'lírica' no sentido antigo": A título de ilustração trazemos aqui essa epígrafe posta pelo próprio poeta na respectiva obra, para diferenciar a afetada sensibilidade esperada do lirismo convencional frente à sua abrangente jocosidade canora, presente inevitavelmente em todos de seus poemas.

No texto do brasileiro, por outro lado, o possível diálogo com a *Shoah*, sugerido pela utilização de um trecho de Celan como título, não se efetiva. A morte de que trata o [nossa] autor é, sem dúvidas, apresentada como um mestre, mas não há nada que justifique sua procedência alemã. Sua maestria está não em uma postura autoritária, mas nas muitas maneiras e, portanto, na habilidade, de lidar com a humanidade e conduzi-la ao fim: essa morte é capaz de tantas artes, numerosas manhas, atua de modos diversos, se disfarça, não se disfarça, possui várias nuances, é grande intérprete. Apresenta-se de incontáveis maneiras, mas é, enfim, inevitável. Não estamos, aqui, diante de um retrato da barbárie. Há, sim, sedimentos da injustiça histórica em meio aos versos, como em “Nos trópicos,/por exemplo, tem rosto sombrio,/trágico [...],” contudo, logo em seguida, vemos que esse rosto pode ser “[...] colorido também,/berrante,/até festivo [...]” (POSTAY, 2019, p. 287).

Ressalva que depõe a favor da atualidade do poeta frente à problemática questão ainda em voga, vide o sadomasoquismo tão vigente em nossa sociedade, vide a “morte” se tratar no referido poema de “um ator magnífico”: “[...] Superior ao ponto / de não recusar / o Oscar deste ano [...]”, com a convivência de esclarecidos cinéfilos de plantão. Apesar do breve apontamento, nosso intuito é suscitar no leitor a vontade de um passeio pelos intercambiáveis sentidos retóricos e sentimentos de mundo presentes nos poemas aqui assinalados por Lino Machado. Para mais deleite, indicamos ainda a leitura do material postado por ele entre 2011 a 2017, salvo engano, no *site* Estação Capixaba (MACHADO, 2010) e outra dispensado em seu *Facebook*, onde podem ser encontradas mais poesias (suas e alheias), instantâneos, dicas, comentários e resenhas a respeito do trato. No que aqui chamamos de “instantâneos”, a exemplo do “Na vida e na História, sempre temos tempo para ‘cair do cavalo’” (MACHADO, 2025), são uma espécie de aforismos feitos quase que diariamente acerca das nossas contumazes mazelas, tanto factuais como simbólicas. Esses, ao que nos parecem, escamoteiam motes afeitos a mais e maiores de suas verbivocais transgressões: o que possivelmente já deve estar a caminho também no modo livro-de-mais-e-melhores-poemas.

Referências:

- FREIRE, Pedro Antônio; SILVA, Paulo Muniz da. Lino Machado em clave política. In: TRAGINO Arnon et al. (Org.). *Bravos companheiros e fantasmas 7: estudos críticos sobre o autor capixaba*. Campinas: Pontes, 2018. p. 457-463.
- MACHADO, Lino. *Entre dois vetores*. Vitória: Secult, 2014.
- MACHADO, Lino. Repertório literário. NEVES, Maria Clara Medeiros dos Santos (Coord.). *Estação capixaba*: Blog Patrimônio Cultural Capixaba. Vila Velha, 2010. Disponível em: https://estacaocapixaba.com.br/lino-machado-repertorio-literario_1/. Acesso em: 12 jan. 2025.
- MACHADO, Lino. Na vida e na História, sempre temos tempo para “cair do cavalo”. *Facebook*. Disponível em: <https://www.facebook.com/lino.machado.7311?mibextid=wwXIf&mibextid=wwXIf>. 2025. Acesso em: 5 mar. 2025.
- MACHADO, Lino. *Sob uma capa*. Vitória: Secult, 2010.
- PAIXÃO, Grace Alves da. Presença francesa no campo literário do Espírito Santo. Um primeiro olhar sobre o tema. In: SODRÉ, Paulo Roberto et al. (Org.). *Brav@\$ companheir@s e fantasmas 8: estudos críticos sobre o(a) autor(a) capixaba*. Campos dos Goytacazes: Brasil Multicultural, 2018. p. 207-220.
- POSTAY, L. Leite negro da madrugada: a lírica e a barbárie — considerações a partir de Lino Machado e Gabriel Menotti. In: TRAGINO, Arnon et al. (Org.). *Bravos companheiros e fantasmas 7: estudos críticos sobre o autor capixaba*. Campinas: Pontes, 2018. p. 277-292.

SELETA

***Sob uma capa* (2010)**

Sob uma capa

*Mas o que se esconde
sob uma capa?*

*Um sujeito seríssimo
e com jeito
de conde Drácula?*

O próprio Stoker?

Um fazedor de arte?

*Um grande
mestre de obras?*

*Ou
apenas um esperto
treinador de lagartos
e cobras?*

*Mas o autor é um chato:
não responde.*

*E vejam isso:
o seu maior desejo
é ser um ás
que guarda na manga
uma espada –
e nada mais.*

*Com a espada
muito bem guardada
ele se põe de guarda
e espera.*

*Autor e leitor
são dois, não são?*

*Eles
não formam um
elo?*

*Não é o número ideal
para um dueto
ou um duelo? (p. 11-12)*

Cores que afloram à pele

In the old age black was not counted fair,
Or if it were it bore not beauty's name:
But now is black beauty's successive heir

William Shakespeare⁴²

Ao te ver assim
dark,
 ó *darling*
tão diversa
do que trago em mim,
fui à caça
de sexo e cabeça
de outra raça?

Ou bem vice-versa:
fui a caça
 e por fim
vim cair na rede
da tua conversa?

Uma coisa só
a minha fé de ateu
deveras me diz:

um de nós
deverá pôr fim
nesta sede
não sei se saudável,

⁴² "A cor negra era ontem sem valia / Ou da Beleza não levava o nome; / Mas agora é do Belo herdeira e cria" (Trad. de Jorge Wanderley) (Daqui em diante, todas as notas serão do poeta).

se perversa. (p. 19-20)

Fausto forever

Despertem, demônios.
Isso,
mais perto: querovê-los,
nada de velas, só
à luz do dia.

E venham
de todos os vermelhos
e tamanhos.

Venham
não dos vinhos
que há nos sonhos

nem das outras
formas de vinho
com que sonho.

Mas da própria
e bêbada vida
é que venham. Isso,
venham vindo
e daqui, nunca, nunca mais
tenham ida.

E me tenham. (p. 27)

Bhras, Bersil, Brazille, etc.

Gentes
mais dilatadas que diletantes,
perto de portos, distantes,
porém com suas mentes
lançadas
para além de qualquer cais;
gentes
desde bem antes de antes
de anteontem
postas a especular

a respeito de recifes, costas
e corais
que existissem no verde
ou azul
das águas
do mais tenebroso
mar.

Séculos de gentes
tão papagueantes:

“Em algum abril
encontrem uma ilha
milhas adentro do poente
que nenhum de nós
já viu, cheirou, tocou,
remoeu, ouviu,
uma terra nova no oeste
distante
digna de arder
entre bês, esses, zês e mais
tretas mil
para vir a ser a proprietária natural
do nosso antigo nome
Brasil”.

Mais ou menos desse jeito
lancinante
não exatamente gentil
pedito e feito:

um país em certo sul

(sabe-se lá
se antes de nascer
já meio crismado
em sânscrito)

de muitos pais e mães
se pariu

– atlântico. (p. 31-32)

Bestiário

Homens-pomba
podem
ganhar um Nobel
porém
eles nem sempre
conseguem impor
alguma paz.
Homens-pomba:
quase nunca
implodem
injunções e suspeitos
edifícios
inter
nacionais.
Homens-pomba,
ao menos
não se percam
nos percalços
entre cães, falcões
e bichos mais. (p. 40)

Ralas relações

Poderoso Caballero
Es Don Dinero.

Francisco de Quevedo

Eu e o Senhor \$
é lamentável
– demais Senhores –
mas não nos apertamos
afetuosamente
as mãos.

Da sua filha
mais estimada
por ex.
eu sei apenas
o sobrenome
e alguns rumores:

a bela Cifra
das altas rodas
– talvez casada
com o imponente
Senhor Torres.

É quanto eu capto
distante
ou bem desperto
neste meu canto

(enquanto faço
uma série de partos
que quase sempre
começam
bem antes de ontem):

boatos
quem sabe
se totalmente sérios
ou com um zero tolo
em matéria de fatos

que ressoam porém
no mínimo
desde os dias sumérios. (p. 47-48)

Semântica política

Alguém depõe, ou antes,
alguns
que se acham os Novos
Eleitos
com efeito
depõem
um Presidente.

Logo depois,
muitos
são presos de fato
ou
se têm mais sorte
são apenas chamados
a depor.

Também haverá
o tempo certo
para outros
(nunca poucos?)
sofrerem uma deplorável
deportação.

Vários usos
(diversos deles
bastante
indi
gestos)
para a maleável
raiz de pôr.

Alguém
algum dia depõe
(finalmente!), ou antes,
é obrigado
a explicar direito
uma boa cifra de porquês
dos seus complôs. (p. 54-55)

Forças de paz

Mas o que faz

(ou o que fez
alguma vez)

uma força de paz
contra
todos que ousam
ser os mais-que-abusados
pais da força?

(Aliás,
das forças também.)

Sempre se trata
dos atos
duma farsa
muito pouco eficaz?

Ou
por outro
porém:

uma vaga marca (“forças de paz”)
que – além de rota –
é quase sempre
refém?

Não sei se prossigo –
perguntando demais. (p. 56)

Mutuu

Alguém alvejado
mortalmente.

E um atirador
que dizem de elite
no telhado.

Ou melhor:
alguém mais
que também
tem coisas humanas
pulsando na mente.

Neste caso:
“Morto mais um outro
dos imundos
do outro lado”.

Um ser alvejante –
e por sua vez
alvo, certamente.

“Mais um dos imundos”,
segundo os postados
com seus próprios pentes
furibundos
no outro lado. (p. 57)

I. M. Paul Celan

O que se quer
imperativo
em nossa era

ama também
ter o poder
de liquidar

conjuntamente
passivo-e-ativo
vale dizer

fazer render
ao máximo
o que incinera. (p. 63)

Der Tod Ist Ein Meister Aus Deutschland

A morte é um mestre na Alemanha

Paul Celan

A morte é um mestre em toda a parte?
A morte
é capaz de tantas artes,
dançando conforme a letra
de cada mote?
Tão numerosas assim
as suas manhas
aprendidas
em leste, oeste,
sul
e bandas do norte?

Com certeza: um triplo
ou quádruplo
sim...

Um mestre que atua
para a minha admiração

e a tua
de modos diversos.
Nos trópicos,
por exemplo, tem rosto sombrio,
trágico,
mas colorido também,
berrante,
até festivo, nem um pouco restrito
a um só estilo –
grosseiro
quando for preciso,
tanto quanto
galante
disparando
alguns sorrisos.

A morte é um mestre,
sem dúvida –

e entre mais coisas
um mestre
de mil disfarces

– ou disfarce algum
o grande mestre utiliza:

um ator magnífico
apto a operar
com ene nuances
a partir
de uma única face,
tipo
transformado em tipos,
perito
em efetuar entrelaces.

Superior ao ponto
de não recusar
o Oscar deste ano,
do próximo
ou de qualquer outro,
sob vãas
afinal não letais
de críticos severos,
hiper-adornianos.

A morte,

grande intérprete
na neve
de palcos distantes,
no chão duro
deste meu agreste
e no mais
do mais do mais que enfim
ainda nos reste(m).

A morte, em síntese: um mestre. (p. 64-66)

Sobre a (minha) ironia

O, o, o, o, o, o

Gautier de Coincy

Tenho os pés na lama
– meu caro –
até
o
pesc
o
ç
o.

Neste drama
meus olhos atuam
com mãos
que me valem tanto
pelo que vos falo
como
pelo que – anti-ourizo –
aqui e ali
ouço
em almoço fino
ou
muitíssimas vezes
em devorar grosso.

2

Missas brancas

não são mais a regra
do que rezas brabas
nesta velha
veripócrita
zona franca
de bênçãos e pragas. (p. 70-71)

Não só as plantas mas todo o planeta

Farrapos de verde
cercados pelo pano sujo
da cidade.

Cimento e clorofila.

O verde em farrapos
e às vezes
a roupa de muita gente
literal
mente em farrapos.

Caem as folhas verdes
das árvores,
caem
as próprias árvores cortadas,
cai rápido
a cotação da vida

e sujeitos de ternos bem feitos,
etc.
(principalmente
este etc.)
continuam sendo os Eleitos
sempre sorridentes
e responsáveis.

Com certeza, OS responsáveis.
As baleias & cia.
o que é que têm a ver
com a água podre
das baías?
E o pobre ar das aves?

A cotação do verde
cai ligeiro

sim
mas com ela um dia o mercado inteiro
vira cinzas. (p. 82-83)

Rodovia

Cotovia⁴³
– curiosa, coitada –
quis saltar
do seu bom descampado
para o chão negro-liso
ora direto,
ora não retilíneo
que cortava em dois
o seu bom descampado.

Som
de carros velozes
ou de veículos mais lentos
alternado
com silêncio
completo
antes e depois
da péssima hora
daquele anti-dia.

Massa
vermelho-escura
com amarelos descorados
esmagada por acidente:
frangalhos ainda visíveis
sobre
o negro polido do asfalto
aqui retilíneo,
ali mais ondulado
do que uma cobra quilométrica.

Na lembrança
(a minha, agora a tua)
repercute
somente
como consolo

⁴³ Calhandra, sabiá-do-campo, caminheira...

ou
por convenção
dos nossos neurônios
alguma melodia. (p. 84-85)

Lógica fria e ecologia

“Que bela vista”, exclama triste
o pessimista,
“enquanto
algum pirata
dono de imobiliária
não a conquista!”

Ele já pressente,
o pessimista,
o futuro
JARDIM BELA VISTA?

LUXO, REQUINTE, PRIVACIDADE
NUM DOS MELHORES PONTOS
e outros atrativos
oferec
idos
por Desigualdade Itlta.
aos seus amigos
a(r)mados. (p. 89)

Zoopolítica

Em várias partes do mundo
conseguem
fazer dos países
grandes
médios
pequenos
circos

e neles
nunca nos vêem
no papel de palhaços

porém
como uns belos micos –

o que afinal
não garante de fato
um futuro
dos mais fascinantes
para os autênticos
mas já não
numerosos macacos.

Noves fora
eis aqui
um bem arcaico
abecê,
isto é,
o homem
não deixando de ser
o lobo civil
que quer ter o homem
no seu abdômen.

O lobo selvagem
portanto
que abra o olho
na neve
ou no seu covil
pondô também
as próprias patas
de molho

enquanto
não longe do seu bafo
certa história
trágico-patética
se escreve
onde quase nem os ursos
podem dar
grandes abraços. (p. 94-95)

Dementia praecoce

“Como quem
(tolamente?)
se atolou aqui

paro
e declaro que eu também
desisti.

Frente a tanto
lixo tóxico
já não tenho planos
para os próximos
cem mil anos.

A não ser
o de ser
bem
mais humano
quer dizer
sem ter ódios
específicos
causar danos
ao mundo
aos outros
e a mim.” (p. 102)

Provável

A bordo
e à beira-tédio
rumo
à aerodemora das horas
rota
Roma-...-Vitória
em travessia-avião.

Bardo barbudo
(condenado
talvez com acerto
desde os dias de Platão)
passo
ao estágio aceso
do assédio
e logo improviso
sorrisos alados.

Abordo
a bela nervosa
recorrente

em levar unhas roídas
aos seus dentes
ao meu lado.

Ela não dirá Sim
nesse estado? (p. 119)

Saudação

Um viva
muito ascendente
ao amplo universo
oriundo
da aviação:

um mundo criado
acima
da extensão evidente
a quase todos os sentidos
do próprio mundo.

Um outro viva
ao que sem dúvida
também merece
ter o seu brinde
com toque de elite:

o espaço
menos perceptível
dos satélites.

Isto,
apesar das ameaças
permanentes
que ambos os domínios
deixam no ar.

Um viva ou dois:

depois
tentar subscrever
sem muitos remorsos
o que restar. (p. 125-126)

Poetastro

Bêbado
de não ver os postes
num luar
de círculo vasto

enquanto
declamo aos céus
e também
reclamo aos ratos

penso
nos dois sóis tão belos
e aceito
como algo perfeito
(não
um andar de rastos)

ser o teu
único
herético
ereto

poetrasto. (p. 130)

Urbanismo

Las piquetas de los gallos

Federico Garcia Lorca

Amaria ouvir
o som
das picaretas dos galos
batendo contra
o cimento calado
(prédios paredes apartamentos)
destas auroras.

Mais ainda
amaria ouvir
qualquer coisa soando
como anti-lamento

em algumas das nossas
ou só das minhas
piores horas.

Amaria rir – e rio enfim
lascando a machado
barulhento
metade e mais metade
do teu mundo
grave de agora. (p. 134)

Particularismos

Há quem inveje
o ouro gelado
(e ainda leve)
desta cerveja?

Pois sim: que seja.

Mas que também
uma entidade
de ferro ou bronze
proteja
minha pessoa
desde a presente
hora tardia
ao próximo
raiar da aurora
em ruas
quase vazias.

Tarefa boa
a de mirar
ao menos hoje
ébrio e humilde
a prataria
deste lugar. (p. 140)

Ao Ministério da Saúde

Das cinzas do cigarro
infelizmente

– meu caro –
nenhuma fênix:
só o pigarro.

2

Das cinzas de que morro
por que –
amigo antigo –
não me separe?

3

Das cinzas, sim,
o que minhas tripas
dizem aqui
infelizmente
amanhã
ficará mais claro. (p. 144)

Brinde

Toda a nossa respeitosa
saudação
às hienas –
que elas são
previsivelmente
hienas, apenas.

Nunca negam
aos demais
os seus dentes
entrerrindo
se comem dos corpos
que estão putrescentes –
ou já indo. (p. 150)

Vox não mais tão populi

“Cabo e Barco bradaram

os seus próprios
recados
com mil e um
ousados fados
prosopobárdicos
em mares fortes, fartíssimos,
que eram os seus.⁴⁴

O próprio Sol
numa tarde
de maciço calor
soviético
diante de um vate
agitado
não se calou
quando este mais ardeu.⁴⁵

Então
por estes céus de Deus
tão poluídos
por que *eu* (a quem
os três mal citados
nos seus dias
de maior fogo
recitaram
com fulgor)
não teria ao menos
uns minutos
verdadeiramente meus
em que de um palanque
ou cadeira cativante
falaria a todos
josés que fossem
ou marias bem doces?

Com um porém:

serei oblíquo
ou inexato,
embora, aqui

⁴⁴ Cabo: Adamastor, o Cabo das Tormentas, em *Os Lusíadas*, V, claro que de Camões. Barco: "Le bateau ivre", óbvio que de Rimbaud.

⁴⁵ Sol: "A extraordinária aventura vivida por Vladímir Maiakóvski no verão na *datcha*", do próprio.

e ali,
coloquial,
quase prosaico.

Também garanto:

farei sempre
uma pausa ou duas
enquanto
saio de um canto
para
compenetrado
entrar
no canto mais próximo.

(Preparem as orelhas
e os silêncios
reverentes e ouvintes,
meus caros,
por conseguinte.)

Não!
Negativo!

Há
um novo trato
a propor
aos que desejarem
o favor
do meu Om
narrativo:

acabei de alterar
(tal como um velho muda
um velho testamento
e é um-Deus-nos-acuda)
meus próprios pensamentos
ativos, altivos,
dos mais agudos
ângulos
aos que vão retos.

Será bem outro
de fato
o meu sermão:

não mais oblíquo,
quero ser direto
(se deveras
de agora em diante
não minto
em favor deste
ou daquele mito
que veja como belo
ou interessante).

Saiba
este mundo insano
de incluídos
e exclusos
de modo a não
ficarem buracos
no queijo partilhado
do sabido:

com os meus próprios pés
inteligentes
posso voltar atrás
ou ir adiante;
quanto
às minhas várias mãos
sempre laborais, estas
com as suas pás
conseguem cavar
daqui de cima
do monte em que estamos
até à China
de novos paxás
(digamos).

Preciso tanto
(ou nada, acreditem)
de quem me digite
como de alguém que não
me tenha aos dedos
feito brinquedo.

Sou o poema, a voz
lenta ou veloz
mas sempre audaz

que deve falar
com cérebro e emoção
de tudo o que for
celebrável
e muito mais.

Um exemplo
em que cada
um dos Doutos
e das Senhoras Mestras
de antes, de hoje
e das próximas horas
verá que a todos
eu contemplo
– não
em meros mares
de cantores de espumas
nem debaixo, depois diante
dos raios solares
de algum sovietóvski
de verão,
mas como gotas perdidas
no orgasmo do cosmo:

VÓS E O RESTANTE

*Um
ponto denso, tenso,
feito de
fogo,
formando
seu quando e seu onde
ainda
em estado expansivo
(ou
– quem pode saber? –
nada disso
e o oposto tampouco
em abecedê
de
finitivo).*

*Explosão branca
do Big-Bang
que não se estanca
até a hora*

de restar exangue:

*o universo
como primária Big Band
a ressoar
no próprio universo,
orquestra
e seu histérico maestro
ao mesmo tempo –
se tempo
com todo o seu imenso
colorido
tingindo Antigos
e Juvêncios
pode ter aqui
um verdadeiro registro
não soçobrando
no mais mudo si
lêncio.*

*Do amarelado brando
chegando
ao amarelo de verdade,
ao vermelho-laranja,
ao colapso
dos buracos negros,
a, o...
não deixando de avistar
homéricos gregos
nalgum momento
da jornada
(e assim
sem qualquer pudor
estou me fazendo
desde antes do início
do início
um demiurgo
pintor).*

*Neste ponto
ou aparte cósmico
em que colapsam
as cápsulas de fogo,
para vós
(para sempre ou não?)
o restante da gesta
é muito mais taciturno*

*do que outras indigestas
ausências de som
foram já para os que tinham
vez e voz na festa.*

*Ao fundo
contudo
sobram farrapos
de ruídos,
restos de restos
de restos puídos.⁴⁶*

Como disse
distante do início,
neste canto
ou nas Chinas à vista,
sou o Poema
agora maiúsculo
e – deveras oblíquo,
ó meus não muito
distintos
presentes –
nem um nada peço
ao tal sujeito
creio que insatisfeito
através do qual
sou eu que me digito.

Sim,
o próprio Sol
não se calou
e mais Cabo e Barco
todos são de fato marcos
do que fui
e apesar de todos os cercos
ainda
agora
sou.

⁴⁶ Quem quiser que pesquise por sua conta Cosmologia e outros bichos.

(São minhas TODAS estas notas, o que não impede que um bípede tolo se veja como o seu redator.)

Vou..." (p. 165-174)

Pena capital

Totenkopf

("Cabeça-da-morte": S.S.)

Cabeça
cortada do corpo
com
cat
ego
ria – precisão
que está para além do bem
e do mal:
mas nada boa segundo alguém
nesse dia
muito especial
em que alguns aplaudem
ótimas
pontarias.

Cabeça portanto
sem corpo –
bem de acordo
com o propósito alheio
de que
(entre mais coisas)
ela não veja as cores
das coisas
nem discorde
de verdades cabais
como a de que o azul
antes foi rosa.

Cabeça feita
pequeno corpo: corpo
da cabeça
sem o resto
do corpo
(algo bem funesto
para a medula espinhal
nessa data

que – apesar de espinhosa –
é dita capital).

Corpo menor: corpo estirado
sem cabeça
no pó.

Ou maior, monstruoso: questão
de ponto de vista
(José
rebatendo bastante
irritado
idéias divergentes
de João
e vice-versa: duas cabeças, duas
sentenças
numa só travessa).

Cabeça também
sem cabeça,
caro
camarada: muda, surda, cega
logo que for
decepada.

Aliás, cabeça que se deve dizer
bastante
diversa: mudada.

Não mais
maiúscula, versal: cabeça que passou
ou foi passada
pela pena
capilar
– corrijo – capital.

Cabeça então
que ninguém mais
com rigidez
pode xingar
de “dura”.

“Caiu podre
no chão
de tão
madura”
(humor grego,

claro que a respeito
dos muitos danos
que os helenos causaram
aos seus troianos).

Cabeça condenada
porque (nada mal!) pôs belas aspas
na cabeça
de um monarca
em algum dia ou mês
de certo ano –
ou em vários
(uma vez
não é uma vez só
não é só uma vez...)

Modernização:
seja
no vosso reino mirim
ou na nossa
vastíssima união
providencial
de províncias
e estados
não é mais preciso
cortar cabeças
já que hoje, amigos e amigas, somos bastante
civilizados;
uma bala,
não mais,
para cada casta,
perdão: caso –
e zás! basta,
cessam os estragos.

2

Machado,
espada, guilhotina, disparo
ou tão-só “decepando
com uma larga e certeira faca”
(Oswald) – tanto faz.

Conta apenas
termos na cabeça
os termos certos

para aniquilar
as dos outros, criar rápido
uma poucas
ou várias vítimas
para – Ivos, Jorges, Lívios
ou mais carrascos
sempre bem
ou mal armados –
termos paz.

(Acabe a lista
em Zeferino
e recomece-a,
apesar do tédio,
por exemplo
em Ado.)

3

Anular cabeças:
não há
oh não não há
modo melhor
de fazer
sumir de sob
o sol-luar
o pensar-sentir-mover
de sujeitos que começam
a perturbar.

4

Penúltimo
viés:

corpo
ao rés do chão
sem cabeça
(ou tanto faz
se for
ao invés).

Ora, por que não
o pequeno
mas sincero
excesso

de pensar também
em decepar
seus dois pés?

(E que ninguém ouse
a ingratidão
que ao seu castrador
dirige sempre
o castrado
gritando com raiva
ter ele um zero
no lugar
que falam sagrado
dum certo ser
deste vale
dito de lágrimas –
vale dizer,
o coração.)

5

Cabeças, enfim:
bom assim
tão constantemente
à mão!

Seja para que se seguem
às pressas
ou – às avessas – que inspirem
a produção
de algum poema
para um séquito
de leitores seletos,
que um dia ou século
atestem
com todas as aspas:

Ei-nos defronte
de mais um genuíno
poema-cabeça
na praça. (p. 175-182)

Mundo-cão

“Mundo-cão”,
por aqui
e acolá
hão-de achar
boa gente
que maldiga.
Entretanto,
minha amiga,
por que não
vem à mente
por igual
“mundo-cobra
cascavel
ou coral”?

*Simplesmente
porque são
baixo astral...
E não sou
sua amiga,
meu senhor
sabichão!*

Está bem,
admito:
um epíteto
tem veneno;
quanto ao outro,
causa medo
não pequeno.
Mas que tal
pôr em cena
o “dragão”?

Bem dramático...

Ou quem sabe
“mundo-rato”
caiba exato
no projeto
específico?

*Melhor não:
muito imundo,
abjeto.*

“Mundo-pulga”?

*Visão tosca:
uma lástima
lançar mão
de coisinha
tão minúscula.
A despeito
de mais grado,
deixe fora
de igual modo
“mundo-mosca”.
(Por tabela
não vai bem
“mundo-grilo”
e – é claro –
“pernilongo”,
“joaninha”,
“marimbondo”,
etcéteras
de insetos
e insetas.)
Todavia,
siga em frente
com a sua
zoológica
ladainha..*

“Mundo-abutre”,
ó amiga
prestativa
duma figa?

*Um pavor...
Mesmo óbice
que merece
mais acima
“mundo-rato”.
(Não repita
imundícies –
por favor.)*

“Mundo-águia”?

*Ah, ficou
bem melhor*

*desta vez
seu juízo,
meu senhor
tão astuto!
Tem até
um ar cult,
com requinte
algo nobre –
muito embora
uma gente
mais esnobe
vá lembrar
das tonturas
que haverá
certamente
nessa altura.*

Paciência.
“Mundo-peixe”
por exemplo?

*Nem comece.
Ou já vem
o senhor
com algum
previsível
“tubarão”
ou ainda
(ai, meu pai!)
o “monstrengos
que – parece –
há no tal
Lago Ness”?
Faz um tempo
formidável
somos seres
só terrestres.
Além disso,
deixe logo
nossos bichos
irreais
ou verídicos
sossegados.
E lhe tasco
sem modéstia
ou temor
meu recado:*

*por que não
simplesmente
por um ano
"mundo-humano"?
Porventura
viveríamos
uma festa.
Mesmo ao custo
de ser mais
do que urgente
enxergar
no fatal
homo sapiens
outra espécie
de animal –
talvez não
tão demente
nem tão trágico
afinal...*

“Mundo-humano”?

Mas assim
– que diabo! –
como uns tontos
perseguindo
os seus rabos
não voltamos
ao incrível
“mundo cão”?

*Não e não! –
(novamente
et cetera
de tal modo
que uma seta
vá atrás
de outra seta
e nenhuma
seja enfim
alve... záz!) (p. 183-189)*

Para voz alta – e baixa atenção

Leia para nós
em voz alta

o poema que ontem
eu não fiz
sem temer
que o seu tema
mate
a comunicação
com o ouvinte
que não saiba
como usar
corretamente
ou com requinte
o seu nariz.

Leia o poema
sem temer
que o seu tema
mate
na verdade
o ouvinte
aliás
abata um
dois
dez
dezenove
mais de vinte
num atentado
tão bem feito
que será dito
feliz.

Leia o poema
que sem tremer
zomba
tanto
do homem de paz
quanto
do homem-bomba
porque um
como o outro
é capaz
de comer
o seu próximo
ou
o seu distante
sem requintes
em nossa terra
e em mais brasis.

Leia o poema
sem oferecer
um oásis
de perfumes
aos ouvintes
e até
aos falantes
que não consigam
resolver
os problemas
mais gritantes
que chegam
ao conhecimento
de qualquer nariz.

Leia o poema
e agradecido
diga a todos:
"Mui-to o-bri-ga-do
porém
por hoje basta
de capim.
Amanhã
e depois
continuamos
este evento
aqui
ou
noutro canto
apropriado
por exemplo
o inferno
exemplar
que faz tempo
vamos erguendo
como um templo
ainda
que a isto
os nossos bilhões
de cascos
chifres e rabos
não estejam sendo
obrigados."

(Sem mais rabiscos
entre

o nascer do sol
e o pôr-do-som
termine o poema
lunático
declarando
em alto
e bom Não
que a festança
é só esta
não há mais ossos
para o nosso repasto –
caros irmãos). (p. 190-193)

***Entre dois vetores* (2014)**

Sublunar

Estrelas,
tê-las também
horizontalmente –
terra a terra –
tarefa que (meu peito
bufa,
berra, esbra
veja) nunca é fácil,
reles,
rasteira:

como encaixar
um valor mais alto
aqui embaixo

ou – esforço indócil –
equiparar
em certos dias
um Everest
a uma cadeira?

Estrelas pensadas
com os emotivos
sinais positivos
apenas
sob um céu de estrada:

obviedade,
convenção
que pouco arde.

Estrelas, ao invés:
como Keplers e Bilacs
in
sanos ou hoje
radioastrônomos,
conseguir
ouvir seus sons,
quer dizer,
de vez em vez
descê-las

ao subestimado
(mas tão valioso) nível do chão,
o nosso terráqueo
convés.

No extremo
dos
extremos
eis
todavia
um risco:

obter assim
apenas
extrelas –
ou bem menos
que alguns meros
rabiscos. (p. 27-29)

Situação

O
desamor
desarruma a imagem
de gavetas
de guarda-vestidos,
armários
ou qualquer outro móvel
com objetos que mãos organizaram
de modo harmônico,
coisas ao lado de coisas
agradando – mais do que aos olhos –
ao calor da mente
que ainda se anima com a figura central
do coração.

Ou ele faz aparecer
em quantidade incômoda
nessas gavetas emotivas
objetos cortantes,
agressivos
mesmo quando bem arrumados
em mobília
que em outros momentos
nos alegra.

Situação em que da pele
ao interior da carne
o que é emoção é corpo,
corpo, emoção –
e essa reunião muito esquecida
quando lembrada assim
implora
(durante algum tempo
sem o menor barulho
de coisas ruins ruindo de vez)
pela sua própria
implosão.

Com certeza
ou setas
que se demoram demais
no seu trajeto
o desamor quase nunca é
o que em alguém se desfecha
com rapidez. (p. 36-37)

Correções

O a,
feminino:

desatino
de dar
dó.

Bom seria,
ou melhor, muito mais correto,
se
feminina
fosse de fato
a letra que chamam
de o.

Já
do i
– sendo a coisa tão evidente –
nada irei
re
ferir

a não ser
é
cl
aro
que o belo o me tente
antes
de

ele dar
de
repente
o
f
ora
d
aqui. (p. 40-41)

Entre as cores

Febril
feito um forte
amarelo
afirmo: já vi vermelhos
em meus delírios

conforme anotei
com muita precisão
em não sei qual página
de ar
dos meus cadernos.

Alguém
então me dê
colírio incolor
para que eu suporte
o fulgor-paráíso
deste nosso
estranho inferno.

Melhor ainda:

que eu mereça
o elixir vital
para continuar aqui

despivestido
entre as cores
que invejo tanto
e as que
como vocês
eu nunca escolhi
– garanto. (p. 50-51)

Aguerrido

Um único
(não dois nem três)
aviso amigo
de alguém
meu conhecido
aos sonhos daqui
de lá
e até
de além
sempre fingindo
que são
por sua vez
não agressivos:

“Troiano ou grego
agora
ponho meus nervos
em guerra
de preferência
relâmpago
contra quem tente
grego ou marciano
perturbar meu sossego
com golpes baixos
ou sobressaltos típicos
das nossas guerras
egocêntricas
de nervos.”

Decerto
um único
aviso besta
às feras
astutas
que na segunda

já pensam
contudo
com suas garras
como vencer mil mundos
na sexta. (p. 60-61)

Lírico ou mélico?

Mostro meus ossos
digo
meus dentes preciosos
ao dentista
em silêncio aflito
com minha pessoa
agarrando todos os possessivos possíveis
para defender
mais um setor da carne ou caverna
que afinal
pertence ao mundo.

Mudo
sou apenas mais
um
último ego

demonstrativo
de monstros bem íntimos nossos
de fato cômicos

com ou sem
o seu acompanhamento de risos.

Fora da consulta agora:
enfim posso
voltar a perder na rua
meu rosto
com dor no interior da boca.

Assim ele não é mais
meu.

Bom
que perdure no ar
ou na língua
por um bom tempo

esse gosto per
turba
doramente
feliz. (p. 69-70)

**Também
“nosso tempo”**

As existências são poucas:
Carteiro, ditador, soldado.

Carlos Drummond de Andrade

Ser presidente
ou presidiário
ou supreender presidindo
tempos após
haver estado preso
ou ser preso
depois de exercer despreocupado
a presidência
ou outras combinatórias
recolhidas
das cartolas contemporâneas:
tudo isto é muito,
Carlos poeta pessimista!

Ou – mais humilde –
a mim
e a tantos outros
tintos
é que devo corrigir depressa?

Admito não saber
que papéis de verdade
existam para além
de deveres bem vários
nos quais correndo
nós encaixamos desejos
mas também medos múltiplos.

“Lugar ao sol”:
lugares
de repente salgados
seja com salários precários

ou exibindo
obscenos bilhões
além de infinitos
números intermédios –

nenhuns deles
hoje nos salvam
da imagem
duma selva cada vez menos se
letiva. (p. 71-70)

Dual & cia.

Um paraíso fiscal:

lugar onde
toda a ideia do bem
faz um bom
número de anos
se fez coisa
anormal.

O inferno financeiro
todavia:

região
em que até
no refrigerador
do nascer
ao sol-pôr
a nossa grana ardia.

Paraíso financeiro,
inferno fiscal
(sem deletar
algum bom purgatório
como fato médio)

ou
– em outros termos –
banqueiros
de todo o mundo
tendo como lema:

"Em nossos acertos

& assentos
a presença de muitos traseiros
não seria
coisa bastante *us
ual*'. (p. 73-74)

Gozos

Os "mestres da dor"
(saúdem-nos
ainda
quando sem maiúsculas)
frequentam florestas,
asfaltos,
também ferindo
em qualquer solo diferente destes
– e não só
os muito másculos, os bem musculosos
sob o sol.

Fazem sofrer
(já foram
enviados ao Congo,
bons belgas)
em qualquer parte,
países
ou pontos do corpo.

Nunca são,
todavia,
os outros somente, os puros insanos
nem
de uma nação única.

É viável, provem: podemos ser todos
tais "anjos da morte"
ou, ao invés
desses "monstros totais"
com açoites
e outros itens que provoquem
tremores de pânico,
por que não
um extremo aceitável,
o de meros
"mosquitos humanos"

picando
psiques dos próximos?

Grau,
graduação de asas,
de gozos
(doentes ou saudáveis)
de cada um.
Escalas.
Muito mais do que apenas
um único viés,
um êxtase exclusivo.
Sapiência de vasto
(algumas vezes devastador)
alcance
– e que merece incansáveis
realces:

apta
a dar conta
de incontáveis cortes decepantes
entre os punhos
e as suas mãos negras
suando de trabalho absurdo
nas selvas;

apta ainda
a abarcar intrigas
ferinas ou ferozes
de que temos ciência
no coração
dos nossos aposentos
ou com os pulmões respirando
ao ar livre
em Congos, Bélgicas e no restante
do alfabeto integral do mundo
hoje sob as vistas
da Internet.

Envio

Segue,
canção já cansativa
em deslouvor dos Leopoldos
mais que literalmente reais
(sem deixar de mencionar
os seus menores

de várias bandeiras, mentiras, cores)
coabitando em todos nós
nas amplas
latilongitudes do planeta.

Vai
até findar um dia
de vez
toda essa rubrísima
diarreia. (p. 85-87)

A Zemocracia

meu suspiro impertinente,
meu social transtornado.

António Gedeão

Pergunta
que às vezes consegue
atentar
nossa alma
a ponto de
esta vir a querer
calmarias
que antecipem tempestades
no ar:

*a Zemocracia
é mesmo algo em que
os tantos Zés, as quantas Marias
deveriam
com maior insistência
atentar?*

Não sei dizer
porque
admito não saber mais
precisar.

Ou talvez
melhore o tom
desta paródia que zomba
dos piores dias
ou até

– dando mãos à palmatória
e à palinódia –
busque outra modulação
com um claro “Alto lá!”.
Então:

*a Zemocracia
veja você
é a grande zebra
(às vezes mais,
outras menos) rubra
que há –
quer haja sol
quer façam chuva.*

Se não chegamos ao zê
nite
e ainda estamos
engarrafados no agá
por que
não andarilhamos todos
ou ao menos
os que não tenham
muitos maus modos
para mais perto
de lá? (p. 92-93)

Impasse

Sei que *Surtos* seria
um ótimo título
para uma série
ou – com mais requinte –
breve suíte
de poemas.

Porém
agora é verão
e meus vizinhos
familiares e amigos
além de outros
que não estou nomeando
(poetas ou não)
andam viajando.

Assim
não vejo ninguém
diante
da alça de mira
da minha lira.

Além do mais
eu mesmo
(não escondo)
venho vivendo
bem calmo
nos últimos dias.

Pena:
trago num bolso
a boa ideia dos *Surtos*
e no outro
um vazio imenso
para o meu assunto. (p. 102-103)

Up-to-date

Tudo se esgarça
mesmo o universo.

O mesmo universo
a nosso favor
ou ventando adverso
vira carcaça.

Tudo se esgarça
com toda a certeza
mas também
com seus grãos de graça
e certa beleza –
mesmo a carcaça.

Tudo se amassa:
amores,
teus poemas
e
felizmente
tristezas –
mesmo as mais baças. (p. 122)

Rimas f(r)acas

se quiser
mande o pau
(ou não)

Haroldo de Campos

Mais um
homem forte
visto
como agente
do progresso
dum país
para a gente
hoje
venerar.

Mais um outro
narcisista
dito artista
que na mídia
se explicita
para a gente
de novo
meramente
espelhar.

Mais um outro
megaempresário
que chega
com maus empregos
e microssalários
a tiracolo
para a gente
agora
tirando chapéus
aguentar.

Mais um outro
que chamam
programa piloto
ou lixo
para a mente
e o corpo

tendo até
suas garotas
seminuas (?)
de programa
ensaiado
com cuidado
para a gente
num futuro
quase presente
se deixar
teleguiar.

Mais um –
mais
uns e outros –
mais
ou menos doutos –
um conjunto
que faz tempo
para tantos
na verdade
tanto
(mal) faz –
eis aí,
genteimosos
como este
que vos escreve,
o que hoje,
hoje
e hoje há.

2

Me diga
um Zeus
ou quiçá um sábio
Ogum
em que coisa enfim
consiste
ser um
pós-Nietzsche
em tão intragável
zerum? (p. 126-129)

Óbvia

Alguns líderes têm:
telefônias,
microfones sem fio,
rádios, TVs,
um certo harém,
secretárias,
bajuladores a postos
e outras feras.

Então
por que também
se preocupam
com o aumento-ereção
dos seus arsenais de guerra? (p. 130)

Lição de lobotomia

20 e poucos ossos
(mas seria o mesmo
em caso de mil)
se protegem
a nossa cabeça
de traumatismos
nada podem
contra a desgraça
de uma só canção
(quanto mais
se alguém lembrar
não uma
mas uma legião)
imbecil.

Ossos firmes
com suturas
numa certa
região –
mas não peçam
que uma dessas
20
e poucas peças
seja páreo
para os crimes
auditivos

que saturam
este mundo
absurdo
de cujas estacas
barulhentas
não escapam
as trompas
de eustáquio
tantitonas
de tão estupradas
num Brasil
ponta a ponta.

Porém
a quem reclamar
perdidanos
contra os quais
mês a mês
são inúteis
paredes mentais
que só queiram o
antibis?

Valia mais
torcer muito
que uma epidemia
de amusia
nos devastasse
por uns 300
e 60
e mais dias.

20 e poucos ossos
que um tal
Padre-Nosso
se existiu
obviamente
se eximiu
de projetar¹
contra sons –
muito menos
como adversos
à audição
de tons boçais

¹ Darwin que me perdoe.

e duvido
que de vis –
e até mais.

... Ou não:
talvez
o bom fosse
pôr a ira
mais colérica
na coleira
ou mesmo
de quarentena
e propor
a certa casta
restrita
de amigos
abastecermos
as caveiras
com álcool
ou outro éter
do tipo
até conseguir
anestesiar
ouvidos
agraciados
com sonoras
agressões
feitas sempre
sem remorsos.

Esta não sendo
a melhor
das bandeiras –
ou seja,
a de piratas
com rum –
também não é
senha ruim,
meu senhor.

Agora, sim:
eis o meu fim
100% –
ou um basta
nestas praças
de lamúrias
mil, lamentos

sem (l)arga
massa. (p. 132-135)

Metamorfoses

Ironia
o estuprador
vir a ser estuprado
por prisioneiros
não acusados de estupro
na cela
e
ironia
elevada ao cubo
prisioneiros
não acusados de estupro
se transformarem
assim
em estupradores
justiceiros.

(Câmaras de eco
e de horrores –
porém
qual dos dois tipos
fotografar primeiro?) (p. 138)

(Con)versão

“Eu sou também
uma das vítimas”,

disse
o bom carrasco
para não se ver
como o astro
de muitas cenas
sinistras.

“Eu não sou
(tenho fé),
alguém mais

é que é
a fera
legítima.”

E (ch)orou, ora, pensando
na sua lista. (p. 148)

Paradoxo

Sem palavras
não teríamos
os atos

que levassem
de Auschwitz
aos Balcãs

ou às ruelas
de Ruanda
e suas facções

resolvidas
com as grandes facas.
Parte disso

(paradoxo)
sem mais conversa
que a das botas

e até
dos pés des
calços!

(Cacos
de vidro. Cascos.
Gritos...) (p. 149)

O ator, a cicatriz

“Aqui
à beira do cais
onde faz pouco explodiu
o navio cargueiro

ninguém mais admite
(só eu)
que ainda cogita ganhar
o Prêmio Dinamite
da Paz.

Aqui
à beira do cais
ou seria perto da sala VIP
do aeroporto?

Não importa.
Num caso ou outro
nunca sumirá a cicatriz –
mire bem:
que trago a mais
no meu bético rosto.” (p. 150)

Cultura

(em 15 versículos – quase todos saindo pela culatra)

Quis fazer uma Antologia dos Grandes Massacres Humanos,
mas eram tantos os maiores que logo aumentei os meus planos.

Imaginei nem mais nem menos que os tomos duma enciclopédia,
pomposamente atijolados para conter toda a tragédia,
mas o projeto foi crescendo em pretensão e qualidade, e a
Britânica das Matanças virou Biblioteca de Sade
– ainda bastante incompleta, mas cada vez mais encorpada.
Aparecem tantos volumes que não posso encadernar cada.

Prateleiras hospitaleiras recebendo o material não dão conta
de todo o sangue deste mundo tão hospital.

Como falta espaço vital, é melhor pensar num museu. Nele
caberia o que o mundo já fez de pior e esqueceu?

Nele caberia o que o mundo hoje mesmo faz esquecendo?
Não sei responder, mas sei bem o que vamos sempre fazendo.

Eu também e você e quem aparecer no chão da Terra, nós que
matamos os seus mares e até decapitamos serras.

Não é meu, é nosso o museu. É todo o planeta orbitando na
indiferença do universo – simplesmente penso até quando.

Penso em certas ruas e casas, numa porta às vezes aberta.
Também penso em certa garota, que era mesmo a garota certa.
Os livros lidos e os não lidos na estante da minha cabeça,
mostrando os títulos-lombada onde as aventuras começam.
A música solta no espaço da sala e depois da memória. Um

sorriso, um rosto, uma foto, tudo o que tem alguma história.

Devagar e logo depressa sensações, palavras, idéias, idéias, sensações, palavras zumbem minha mente-colméia

e trabalham bem produzindo o desânimo com seu fel, os sabores do pessimismo, que mancham este papel

com uma pergunta final que rapidamente eu apago, riscando também todo o resto das folhas que – juro – já rasgo. (p. 154-155)

Real(ce)

Mesmo longe
hoje
acordamos
com nossos travesseiros à beira
de usinas atômicas
tal seu poder
seu perigo
para lá de letal.

Elas são nossas pirâmides
porém com novas
funções e formas
que mais assustam
que fascinam.

Centenas de não triângulos
em horizontes
espalhados pelo mundo.

Já não parecem naves de pedra
erguidas na areia
para atravessar o tempo
levando mortos
como em veículos
que não se deslocam.

Agora
a morte precisa ser vista
como energia
ou morte bem viva
à espera
de um deslocamento do mundo
ou dos séculos.

Mesmo longe

faz tempo
almoçamos e jantamos todos
sem pensar muito
na cabeceira
destes abismos. (p. 158-159)

Tecendo a treva

É possível fazer poesia depois de Fukushima, com adornos radioativos?

Raimundo Nonato

Após o horror
dos terremotos televisados
(2011)
alguns afirmam
ainda que sem muita pose
nas mesmas televisões:

**“AS NOSSAS UZINAS NUCLEARES
CERÃO MAIS SEGHURAS.
ESSA MATRIZ DE TEKNOLOGIA...”**

Pausa –
aliás,
andropausa – menopausa – quase
raivopausa!

Vale prosseguir?
Enfrentando
o demônio do desânimo
que ataca homens e mulheres,
sim.

Na boca
de certos matracas
essa matriz
nunca poderá ser
uma péssima
madrasta
nem num trilhão de vezes
irá nos jogar para além das fronteiras
do “Por-um-triz”.

Um desastre apenas não tece a noite:
é preciso
que um vazamento nuclear
não seja aos poucos esvaziado
com ares técnicos
e que outro vazamento
entrelace os seus dedos
de plutônio e urânio (por que não dizer:
de plurânio e urônio?),
eu dizia:
algum dia outro vazamento
pegue nas suas mãos as daquele;
que um novo
se irradie com estes
e que novíssimos irmãos
se abracem etc.
quem sabe até
que numa certa manhã
diante desse enorme toldo
radiativo
tecido pela comunhão de todos
os vazamentos
já não exista quem possa repetir:
“azar”.

2

Após o terror televisado
ao tratar
das implicações do assunto
em público
neste e em mais brasis do mundo
("Mas que implicantes!")
alguns
de verdade ainda fingem ter
a mesma visão. (p. 160-162)

Experiência

“Leões
não são apenas cães
com jubas”,
matutou um tigre
lambendo com tristeza

os seus botões –
já não sabendo
a melhor maneira
de dar ciência
aos seus filhotes
do valor (ou “des-”)
do que todos
espertos e tolos
chamam
sem maior cuidado
experiência.

“Eles porém
não são piores
que aqueles símios
de poucos pelos
que pelos tempos
com os seus cães
vêm soletrando
as leis que querem
nos nossos nichos
aos borbotões
sejamos bichos
atordoados
ou autoconfiantes
leões.” (p. 172-173)

Moduladainha

Meus bons
maus poemas – vejam: –
remam
rios acima
lágrimas
(ou esgrimas)
abaixo

enquanto eu mesmo
em silêncio imodesto
nomeio
não mais ilhas
ou outros acidentes
do líquido da Terra

mas galáxias

deste vigésimo
primeiro século
não menos des
amparado
que uns simétricos quarenta e dois
de antes

também eles com más
obras primas
– vejam! – rimando
abismos
abaixo
sorrisos acima. (p. 174-175)

79 como símbolo

O sol vem suando
suas gotas
ouro-ferventes,
amarelo quase líquido
sobre meus cabelos
brancos.

Que me lembre
ontem
esse ouro, digo: vermelho-fogo
não ardia muito.

Amanhã – tremo –
ele irá fundir
o metal ósseo que dá
a forma bela ou de gente
ao meu crânio?

Ao seu modo
vejo como o sol
(mudo)
já me responde.

(Ao fundo
ainda se ouvem aves.
Mas certos monstros
tanto quanto seres
minúsculos
e também formidáveis

nem as formigas
conseguem mais saber
por onde...) (p. 180-181)

Cabo de tudo

(num demótico
dos diabos, espero)

Aqui não tem erro.

Aqui
não vêm gralhas
assombrar
não sei que galhos
ou hipotéticas
calhas:

bocetas e ânus,
bocas,
grelos e caralhos
são
nossas maravilhas
como são
nossos próprios
espantalhos –

por obra
do que também não sei
quantas vezes nos (a
na)
valha. (p. 184)

Destruktionstrieb

Abro a porta –
e ei-la, logo na sala:
a minha fúria.
Vou à cozinha –
e lá, em cima da pia:
a minha fúria.
Abro a geladeira –
ela, no congelador:
a minha fúria.

Chego à janela –
ei-la, na paisagem à frente:
a minha fúria.

Entro no quarto –
volto à sala –
reabro a porta – e sempre ali:
a minha fúria.

Fúria
por comodidade,
porém.
O mote mais certo
seria
agressividade – noves fora qualquer
nhenhenhém.

Não faz mal,
todavia:
é a mesma bossa
dia a dia.
Minha fúria
mais boçal
afinal
é tal a vossa,
como dizem
“sem tirar nem pôr”:
o que eu chamaria
de adverso amor.

(Outro “afinal”:
minha fúria seria
minha luxúria
im
pessoal?) (p. 187-188)

Conclamor

Juntem
as suas forças,
farsas
e fuças,
fraternautas,
e façam coro
comigo

num viva urrado
à vida,
à mesma
vezvida surrada
em cada via,

ou seja,
um brado brabo
porém
cheio de ressalvas
e ressacas
à supracitada
com a mais honesta
in
certeza

pois
diante desta
bela cadela
hoje não há outro
afazer

senão
vaiassaudar
até
os mais deliciosos
dos dissabores
na sua multiminguada
cama-e-mesa. (p. 190-191)

Ditados sabidos

“Líquido e certo”
alguma Sulamita
me vir dar de beber
neste deserto?

Pouco adiante
uma que avisto
(e “dispo com os olhos”)
quase me leva
a crer no mito.

“Líquido e certo

somente o álcool"
seja talvez
a tradução dum dito.
No entanto,
peito pateta,
ela tão perto...

Isto,
atitude,
quebre a métrica!
Coração
e mente adiante:
logo o resto
será beija-flor
e/ou
um caule que pica.

Assinaremos assim
um novíssimo
Cântico dos quânticos:
"Líquido e certo" –
e de olhos cativos
segue-se o resto.

.....
.....

Ah, Deus!
Para onde se foi
a Sulamita?
Feito pateta
(ou per-)
ainda faço
essa pergunta... (p. 196-197)

Ao seu toque

Não raro (não ralas),
lágrimas
nesta ou neste
Valegria
& arredores
rolam, pérolas
de dor.
Porém se dedos

terapêuticos porque delicados
aparecerem
pelas redondezas
(tanto faz se parque ou periferia
em guerra urbana)
no segundo certo
ao seu toque
uma alquimia da alma
terá efeito
corpo afora:
o ácido
que percorria a face
corroendo
alguma psique
será
como coisa
nunca sida, sequer pensada
(sente um contato?)
nisto
que todos os de olho
na validade
do seu passaporte
clamam vida. (p. 198-199)

O dia c (ou da catástrofe)

Mais do que alguém que desperte
recebendo a notícia
de que ganhou o Nobel
ou acorde com o tapa da novidade
de como era réu
num processo muito estranho
em certo dia
(manhã – tarde – noite)
você se vê surpreendido
pela imagem da explosão
quando ele ou ela garante:
não será mais o seu par
no pacto angélico
feito faz pouco ou mais tempo
em nave de paraíso
cruzando mares celestes.
Evidente: outra vez
ou bem pior do que antes
forças gravitacionais do inferno

jogam para o solo
corpo e (c)alma de quem
vinha patinando feliz ou
pateta
acima do convés que já deslizava
no ar.
Alternativas nulas:
nem as cartas
traiçoeiras ou atraentes
do tarô
nem as equações precisas
que no século XXVII
um jovem matemático desenvolveu
para as oscilações do matrimônio
serviram para prever
os enormes estragos
causados por quem de repente
agiu como homem
ou mulher-bomba
numa história que parecia prometer
rotas de felicidade incomum,
não estilhaços
agredindo retinas distraídas.

“Bem feito”
devemos supor que ninguém
ousará dizer? (p. 201-202)

Terra

Mercúrio, Vênus, Terra, Marte, Júpiter,
Saturno, Urano, Netuno, Plutão e
(talvez) X.

Para os menos céticos
em dez
segundo a direção da ponta
da seta
(chegada ou saída)
terceiro pode ser oitavo
mas também é certo
que oitavo seja
terceiro.
Ela ¬ ei-la → vista daqui

ou admirada
pelos também atrevidos de astros
de lá.
O vento do sol
às vezes
sopra com força
lasciva
a cauda magnética
do seu vestido
de noiva.

Sim, faz pouco tempo
estamos indo, ensaiando
sair,
crianças que farejam
outra festa.
Mas quem vier deverá pousar
como amado
às cegas
ou com blindagem
em todos os seu lados?

Aqui – céticos
ou não céticos
a respeito de terceiro
e oitavo –
por enquanto ignoramos
qual o ponto de vista
certeiro,
o mais próximo do centro
do alvo. (p. 217-218)

Formação

Extraterrestre com certeza
teu ódio não é
nem teu amor
tem origem no campo
das estrelas.

Ou essa origem
ambos têm
de verdade:
hidrogênio e hélio
ajudaram a formar

a constelação
com pés no teu peito
e pescoço
sob a tua cabeça
nem sempre confusa.

Não espanta que existam
num mesmo planeta
desenhos gigantes
e linhas quilométricas
nos terrenos de Nasca
de propósitos
para nós obscuros

tanto quanto a Nasa
com os seus projetos
(projéteis)
ainda precisos. (p. 220)

Cone de luz

↑
futuro
▽
pres.ente
△
passado

Qualquer um
vê:
um vértice de triângulo
equilibra
outro vértice de triângulo,
milagre
no meio da figura
em forma de X.
Primeira pirâmide, o passado se afunila
até um ponto
ou presentempo
estreito
como o diâmetro
da Terra.
Logo
(jogo de opostos)

a segunda pirâmide se amplia
pelo futuro sempre vasto,
miragem
multiplicada por miragem
que o *laser* eficaz
dos microssegundos e macromilênios
transforma
em cinzas fumegantes.

Mas o amanhã e o hoje
não dão meia volta? E dos dois lados
da partícula do agora
também não saem setas?

Estranhas

(espero
que num décimo primeiro céu
alguém
tenha rabiscado algumas
das suas possíveis
respostas)

perguntas. (p. 221-222)

Agora (e ao lado)

Depois do ano perde-&-ganha
1945
um bom número de nazistas
obteve emprego na Nasa.

Outra parte – dita menor –
associou-se
à sigla diversa
URSS.

Questão de gosto, talvez de olfato.

Preferência pelo odor
deste
ou daquele urso,
tanto o protestante
quanto o ateu
tendo os céus

como a sua referência.

Nosso antiamém
aos dois
(ou ao menos
o meu)
ao vivo
e em memória.
Eles não se amavam
ou talvez
com paixão em excesso.

2

Físicos e ficcionistas
que teorizam sem temor
sobre os universos
paralelísticos
enxergam muito além:
ianques e eslavos
enxaguando roupas
de nazis
em outros mundos.
Dizem eles:
“Ali,
ao nosso lado, vizinhos”...

Tanques e máquinas de lavar
com a suástica
associada a alguns belos
logotipos?
Oh
horror (g)ótico... (p. 226-227)

Fótoms e afetos

Os desertos que disseram
eu teria que atravessar
coloquei numa gaveta
e busquei depois no mapa-múndi
outros lugares
onde pôr os pés
com o resto do corpo

(convicto
de que não existem só desertos
na geografia dos desejos,
no aqui e ali
em que afetos e fótoms
se afunilam
tanto quanto se esparramam:

fótoms e afetos
que se estreitam e se espalham
durante a história
em que a testa de cada um
terá que evitar
cabeçadas e quedas demais
na paisagem
estendida de berços a montes
rodeados do restante).

Talvez
mais do que dissessem desertos
aliciassem
– e eu
com assidu
idade
ou
visse
uma série de sereias
entre automóveis e todo
o resto –

sem poder jurar
já não haver sido
um ser da sua espécie
abrindo para os outros
vários travessões de perigo.

Desertos, montanhas,
pro
fundidades
cheias de vento ou de líquidos
ali doces,
salgados adiante
sempre saltam
do vácuo ou de gavetas.

“Devagar”
é o velho conselho que os pés

acham difícil seguir
convivendo com as pegadas de outros
“antes de agir
entre as aves altivas
e os bichos que mastiguem fogo
nos subterrâneos do mundo”. (p. 228-229)

Meses depois de

“Agora ou faz tempo”
(pensou o físico entre os seus cálculos)
“física é o nome
da minha preciosa magia,
a que – como física – apenas pode ser
algo público,
o que – como magia – não deve mais
ter este nome preciso.
Faz tempo ou agora
física é o nome grego antigo
dado ao termo persa
magia
não de todo esquecido
pela minha sábia pessoa.
Agora faz tempo”
(calculou o físico entre os seus
pensamentos)
“podemos sacolejar o espaço-tempo
em segundos.
Agora”
(hesitou o físico)
“que tempo faz mesmo lá fora?”

Alegre com tais cálculos
e pensamentos,
a Morte “destruidora de mundos”
todavia
estremeceu por um brevíssimo
momento:
“E se o bravo sapiens – em todos os sentidos –
consegue um dia ensinar ao mundo
a destruir a Morte?
Será a glória ou afinal
a minha participação forçada
no jeito circular de ser
de certas serpentes?”. (p. 232-233)

A vida, a não-vida e o nada

Jerusalém Atenas Alexandria
Viena Londres
Irreais

T. S. Eliot (1922)

Barulhos, Babel, Baal,
balbúrdia
nestes dias que já são décadas
em formato de ca(c)os
cada vez mais cosmopolita
ou audiovisual.

Atravesse ruas e selvas
como eu
não dando a mão
a uma simples criança
mas a alguma cara geringonça
enquanto carrega
no interior da cabeça
um novo modelo da velha
televisão
se não qualquer outra telinha da praça
que peça:

“Confiança cega, neurônios.
Temos sinopses
que são realmente parte
da ração
das vossas sinapses,
o melhor
para os vossos egos e eros
antes da sua grande
erosão”.

Sim, mas isto dito
agora e sempre em silêncio
em meio à baalbúrdia
das nossas ágoras tão gordas
com e sem fios
que mandam a nossa razão

para o espaço
faz um bom tempo.

Tema
para távolas redondas
de físicos, astronautas, filósofos
ou qualquer outra nata
observando o que enquadra
neste planeta
a vida,
a não-vida
e o nada. (p. 238-240)

Segundo milênio A.C.

Babel,
Babilônia.
Ele declara, quase ruge, Hamurabi.
Faz seus ditos ressoarem
no escuro da rocha,
diorito
onde ordenou que inscrevessem
seu autoelogio
encabeçando um tronco maciço
tatuado
com 51
colunas
de leis.

Pedra
depois perdida
um número enorme de anos –
ou mais
de três milênios
de soterra
mento
até poder vir a dar seus brados
brabos
outra vez:
“Pois saibam,
sou eu
o príncipe escolhido, Hamurabi,
os deuses
me chamaram pelo nome,

touro bravo
que chifra os corpos inimigos
e cala a boca dos que berram
enquanto
conquista os quatro cantos
do mundo".

Baixo-relevo esculpido
na área superior da rocha,
sim, foi
ele próprio
que refez uns templos
(de cidades
que antes arrasou).
Foi: "Vim
trazer justiça para todos,
minhas leis impedem que os fortes
firam os fracos.
Dominei povos de cabeças escuras
e esclareci a Terra".

Babilônia e outras cidades
louvam o seu soberano
através da voz cuneiforme
do seu próprio soberano:
"Eu sou
o alto, o humilde, o inteligente,
o poderoso" (com certeza), "o tal e qual
o céu, aquele
que providencia vários canais
de água generosa
protetendo
a vida das gentes e das cidades,
invencível
que põe os pés
mesmo na caverna dos ladrões,
piedoso
pastor de escravos
e dos que sofrem alguma
violência,
sol
sobre Suméria e Acádia,
sumidade
para cada um dos
Quatro Cantos Do Mundo.
Os povos agora me vejam
fazendo justiça.

Sou eu,
nesta pedra está a lei, o bem-estar
das pessoas".

Vaidade monumental do poder
(imagem esculpida
de pé
estendendo uma das mãos
diante de um deus sentado)
mais do que
simples poder da vaidade –
alta relevância
exibida com gana
nos dois metros e pouco
de um pré-*outdoor*
de granito.

Estranho, porém,
que ele já não andasse sobre as águas
nem voasse a jato
nem haja efetuado naquele tempo
a fissão do átomo
ou feito algumas ironias
sobre a ideia
do aquecimento global.

Sim, "sou eu"
para o futuro pavor
dos psicóticos,
já com o seu compacto conjunto
de leis. (p. 250-253)

Traumas em tempos de paz

(Antes de 1914,
depois de 1918.)

Não só os mais evidentes:

também os martelos invisíveis
provocam dor
quando – por isto ou aquilo –
recaem
com bastante vigor
sobre as cabeças ou psiques

dos existentes,
sempre imagináveis
de modos vários,
menos
o de bigornas férreas,
de fato resistentes.

São traumas
em tempos de paz:
precursores
do que nas guerras
tanta gente faz
ou – depois destas –
práticas
de pós-doutores?

São o que forem,
porém
santos não, meus amores:
demos
a que nos damos com prazer,
baixezas
elevadas ao cubo.

Entre os fios desta fábula
contudo
talvez se possa ver no futuro
algum
que indique alívio
para um número não desprezível
de almas corpóreas:
o de haver a sério
certa paz
mesmo quando em tempo
de traumas. (p. 261-262)

Díptico

porque esta dor que a alma me penetra
não ache o menor bem na menor letra

Violante do Céu

Haverá
quem pense à vera:

com agredido e agressor
num mesmíssimo
pacote
ainda que não (ou nem sempre)
em situação de pacto –

enquanto
não tiver agredido
alguma outra pessoa,
o agressor
não poderá ser agraciado
com o seu diploma
de agressor

e tampouco
o sujeito agredido
terá direito
ao seu título apropriado
(de Mestre ou Doutor)
caso
não mostre ao mundo
ao menos um bom
hematoma – obtido ou não
dentro de casa.

O que
atrairá a pergunta:

se a segunda
parte do tema (o hematoma
considerado
em quantidade mínima agora)
deve ser lida apenas
à letra
como traumatismo que se exibe
à nossa cara

ou se o sangue do seu caso
também poderá ter
caráter não restrito,
dilatado,
simbólico.

Uma
tanto quanto outra resposta
não impedem alguém de engatilhar

nova pergunta
(de espírito oposto
ao que primeiro foi pensado
deveras):

antes do seu ato,
o agressivo
não
merecerá todos os sinônimos
de agressor
e o passivo por seu lado
não
deverá ser visto como um verdadeiro
sofredor
previamente
a no mínimo um choque
bem sofrido?

2

“O mundo é dos espertos”,
sem a tentação da dúvida
rezam os candidatos mais atentos
a papéis
nem um nadinha cônscios.
Todavia,
desde bem antes da véspera
de anteontem,
apesar dos seus vários caminhos
e diversos des-,
um
ponto
deveria ser
trivial, tribalmente sabido:
o
dito mundo
é de todos, espertos e não,
qualquer o horizonte que se admire –

ar, terra, mares,
usinas
e armamentos nucleares. (p. 270-273)

7 x 1.000.000.000

A única evidência, pelo que sei, a respeito de outra vida é, primeiro, que não temos nenhuma evidência; e, em segundo lugar, que lamentamos muito não tê-la e adoraríamos ter.

Robert Ingersoll

Faça-se de conta
que uma explosão
(como inúmeras outras)
já passa da conta.
De quê?
Poderá ser – entre mais coisas –
de pês:
superpopulação.

Neste século
alguém faça
não sei qual espécie de contas
para vir bem a saber:
sim,
SUPERPOPULAÇÃO,
acríscimo de corpos
& psiques
(psicorpos, corpsiques),
nunca de nova matéria
ao Mundo,
sempre com o seu mesmíssimo
ABZ.

Com certeza
uns (os corpos) tão só
se transmudam.
Mas umas (as outras)
emudecem
um dia para valer
aos pés
dessa transformação?

(Sobre esse belo colar
desfeito
e ao menos em parte
refeito sempre
perturba perguntar
para onde irão todas

as contas.) (p. 274-275)

Não “se” mas “quando”?

Se os geneticistas estão corretos, entre 500 mil e 800 mil anos atrás, algo [...] destruiu a maior parcela da população humana, reduzindo-a a mais ou menos meros mil indivíduos.

Charles Seife

Depois
de valas e mais valas,
transformamos ao menos
nossas maneiras
à mesa
(ou a ira
com que conseguimos
virá-la).

Grande,
grave conquista:
fazemos agora
revoluções
que mudam formas de governo,
não
o “modo de produção
capitalista”.

Mas quase nunca seguimos
nossas bem sábias estantes,
descendo
punhos e cucas
às ágoras
para defender de verdade
os direitos
da terra, do ar, das águas,
das éguas
e do restante que reside,
resistindo,
em redes da natureza

contra o que nossas nucas
e frontes
fazem com ela:
fezes químicas, industriais, nucleares

e não sei mais o quê
de nossas linhas de frente
e costas
(ou já circunferência sem limites)
atirados
em seus pobres poentes
e pomares.

Avante
assim mesmo,
burgoproletários, campocitadinos
de todo o planeta!
São talvez
seus ventos sacros
aliados aos laicos
que vêm reunindo forças
e fúrias
na grande praça do mundo
diante
de nossas fuças.

Palácios e palhoças
mal irmanados
o que irão poder
ignoro
perante os zilhões
de soldados inumanos
de pântanos,
desertos,
roças e não roças.

Uma raça inteira
pode prosseguir
algum tempo urinando
por exemplo
petróleo
mais ou menos
dolarizado –

não orar no futuro
aos deuses
das suas hipermodernas
usinas
por no máximo algumas horas
não doloridas.

(Se “meros mil” foi o número

que nada indica
ter saído apenas da humana
matemática,
“quando” virá – pois “onde” é aqui mesmo –
a próxima subtração
é coisa que não preocupa tanto
como o “quanto”
de nossa atual mas pouco inocente
ignorância.)

Sim,
palhaços, polícias
e mais aditivos,
o que mal ou (enfim)
bem irmanados
poderemos fazer
desconheço,
o que talvez abasteça
certa esperança in
certa. (p. 278-281)

O dia do juízo final

O
dia-espada
ou
escada-da-razão
em que cada
um de nós
iria
pensar claro,
certinho, racional
mente
afinal
nunca veio.

E
se houvesse
tal
advento
aqui
no terra-a-terra,
na geral
correria
(na correria-guerra

da geral),
alguma gente
todavia
com sua dialética
do esclarecimento
ex-correria
sabendo
que esse dia-sabão
escorreria –
pelo ralo,
é
claro. (p. 283-284)

Otimismo

No fim de tudo
o luto?

No fim do luto
me iludo
de novo
que de outra vez
farei
melhor estudo,
terei estalos
bem mais espertos
para evitar
um fim-de-tudo.

Quem sabe
assim
até acerte
com precisão
de sabre
antes de haver
o fim-de-tudo
que já
ao soar do A
promete a
quizombaria extrema
ainda não
decodificada bem
pelo nosso QZ.

Quem sabe
alguma vez
(proeza
e o que mais?)
as minhas setas
não piruetem
– mas
zutezotezitezetezás:
aprendam,
avancem retas
previsíveis
portanto *eficaz*
à p
az
.
. (p. 292-293)

Recebida em: 11 de março de 2025.
Aprovada em: 15 de março de 2025.